

Empresários discutem o segundo turno

Crescimento de Lula nas pesquisas causa preocupações e análises na classe empresarial

MARA ZIRAVELLO

A última pesquisa Ibope sobre intenção de votos, divulgada terça-feira pela Rede Globo, preocupa os empresários mais pela ascensão de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) do que pela pequena queda de Fernando Collor de Mello (PRN) — e faz da candidatura de Leonel Brizola (PDT) o fiel da balança. “O Brizola pode apresentar um perigo menor por não ser tão radical quanto o Lula”, analisa o presidente da Bolsa de Valores do Estado de São Paulo (Bovespa), Eduardo da Rocha Azevedo.

Nas quatro pesquisas realizadas do começo de setembro até o momento, Collor baixou de 42% para 34%, e Lula subiu de 6% para 9%. Longe de ameaçar a liderança de Collor, Lula começa a incomodar Brizola, que se manteve, no mesmo período, em 14%. O sintoma, para a classe empresarial, é uma ligeira perturbação nos investimentos das bolsas de valores, tanto de São Paulo quanto do Rio, e a consequência são novos investimentos na candidatura pedetista. “O Lula seria o que de mais catastrófico poderia acontecer”, afirma Rocha Azevedo.

Cada vez que um candidato cujo programa econômico caminha mais à esquerda — com limitações ao capital estrangeiro, favorável à estatização e contra o pagamento da dívida externa — sobe um ponto nas pesquisas, empresários paulistas se reúnem para jantar e para discutir o segundo turno das eleições. Na perspectiva de que não sobrarão dois candidatos do mesmo lado (da direita ou da esquerda), eles discutem qual seria o mais conveniente para chegar na reta final. “Uma campanha eleitoral é muito cara”, garante o presidente da Bovespa. “O grande problema é se os candidatos vão ter de cumprir os compromissos com quem investiu em seus nomes.” Na visão de Rocha Azevedo, se isso acontecer, o País vai continuar



Leonardo Castro/AE

Rocha Azevedo: “O Lula seria o que de mais catastrófico poderia acontecer”

exatamente como está: “Dividido em capitânias hereditárias”.

A conclusão, nestes jantares, é que se as pesquisas chegarem a indicar Lula e Brizola como os concorrentes mais cotados para o segundo turno, a maioria deve apostar em Collor, de quem o ex-presidente da Petrobrás Osires Silva é o maior cabo eleitoral da classe empresarial em São Paulo. Para se prevenir contra o que Rocha Azevedo considera uma “catástrofe”, a decisão é que a maioria estará com Brizola, caso ele e Lula cheguem mesmo ao segundo turno.

De Brizola, o maior cabo eleitoral na classe empresarial de São Paulo é Carlos Jereissati, do grupo La Fonte, para a tristeza do governador do Ceará, Tasso Jereissati, que aderiu à candidatura do senador Mário Covas (PSDB). Tanto Brizola (que espera uma aliança com Lula no segundo turno) quanto os empresários (que esperam ver Lula fora do páreo) já tentaram uma aproximação.

A convite do pedetista, o presidente da Bovespa esteve no

Rio, no começo da campanha eleitoral. Conversaram sobre a economia australiana, exemplo preferido de Brizola para ser citado no lugar de um programa econômico. “Como ele era presidenciável, mandamos uma equipe à Austrália para ver de perto como era”, conta Rocha Azevedo.

A viagem rendeu outra visita a Brizola, desta vez para entregar um livro rodado pela Bovespa sobre a Austrália. Brizola ficou impressionado e, dias depois, telefonou para Rocha Azevedo:

— Gostei muito do trabalho de vocês e queria distribuí-lo. Será que seria possível remeter para mim mais alguns exemplares? — perguntou o candidato.

— Podemos providenciar mais mil exemplares para o senhor — respondeu o presidente da Bovespa.

— Agradeço os mil, mas queria sugerir a impressão de mais alguns. Poderia ser em papel linha d’água, preto e branco, ou daquele tipo usado em revistas, como a Veja ou a Istoé... —

continuou Brizola. — Pensava em contar com uns 10 mil, mais ou menos.

Brizola conseguiu o que queria e não deixou de ser agradecido em outra oportunidade: quando a quebra do investidor Naji Nahas abalou o mercado acionário no começo de junho.

— Estou ligando para prestar a minha solidariedade ao senhor — preocupou-se o candidato.

— Agradeço o seu apoio, governador — respondeu Rocha Azevedo.

Brizola é, hoje, o único candidato à Presidência da República que tem em seus arquivos o relatório interno da Bovespa sobre o “caso Nahas”.

Na história do País, esta é a primeira vez que os índices de pesquisa de intenção de votos coincidem com as oscilações das bolsas de valores — e os investimentos se dividem entre as ações de mercado e as dos candidatos. “Neste momento, a bolsa de valores é o termômetro mais sensível da indefinição política dos empresários”, comenta Rocha Azevedo.